

Alguns ANTICONCEPCIONAIS aumentam o RISCO de CÂNCER

Pesquisa desenvolvida por equipe de universidade na Suécia acompanhou dois milhões de mulheres, entre 13 e 49 anos, e identificou problemas de saúde provocados por diferentes tipos de contraceptivos hormonais

» ISABELLA ALMEIDA

A evolução da medicina foi possibilitando acesso a diferentes métodos contraceptivos — na maior parte, direcionados a mulheres. Ao longo do tempo, novos produtos foram desenvolvidos, como pílulas combinadas com estrogênio e progesterona, minipílulas, dispositivos intrauterinos (DIUs), implantes e injeções. No entanto, esses aliados do planejamento familiar impactam fortemente a saúde feminina. Agora, uma nova pesquisa da Universidade de Uppsala, na Suécia, acaba de sinalizar que alguns métodos para evitar a gravidez podem aumentar o risco de câncer de mama.

Segundo a publicação, feita ontem na revista *JAMA Oncology*, trabalhos anteriores se concentraram principalmente nas pílulas anticoncepcionais combinadas — com progesterona e estrogênio sintéticos na composição —, que costumavam ser a opção mais comum. Hoje, as alternativas à base de progesterona estão se tornando cada vez mais populares, o que torna importante estudar detalhadamente seus efeitos na saúde a longo prazo.

Na nova pesquisa, a maior do gênero até o momento, os cientistas avaliaram diferentes tipos de contraceptivos hormonais e associação com o risco de câncer de mama. O estudo baseou-se em informações dos registros nacionais da Suécia, que contêm dados sobre todas as prescrições e todos os diagnósticos de tumor. Mais de dois milhões de mulheres entre 13 e 49 anos foram incluídas e acompanhadas por meio do sistema entre 2006 e 2019 para identificar os problemas de saúde relacionados aos métodos anticoncepcionais.

“Nossos resultados indicam que alguns progestágenos — hormônios sexuais, naturais ou sintéticos, que atuam nos receptores de progesterona —, sobretudo o desogestrel, estão associados a um risco maior de câncer de mama, enquanto outros, como as injeções de acetato de medroxiprogesterona de depósito — aplicadas a cada 12 semanas —, não apresentaram aumento”, afirma a professora Åsa Johansson, líder do grupo de pesquisa da Universidade de Uppsala e do SciLifeLab, autora sênior do estudo.

O estudo também destacou que tanto as pílulas anticoncepcionais combinadas quanto os dispositivos intrauterinos hormonais contendo levonorgestrel, que estão entre os produtos mais

Freepik



Estudo sinalizou que substâncias que atuam nos receptores de progesterona estão mais associadas ao tumor de mama

Duas perguntas para

TATIANA STRAVA, oncologista clínica do hospital Sírio-Libanês, em Brasília

Quais tipos de contraceptivos hormonais estão mais associados ao aumento do risco de câncer de mama?

Os contraceptivos hormonais, especialmente os que possuem em sua formulação os progestágenos

estão associados a uma elevação significativa desse risco. Estudos sugerem que as chances de desenvolver o tumor são em torno de 20% maiores quando comparado com mulheres que nunca utilizaram contraceptivos.

Os benefícios desses métodos superam os riscos para a maioria das mulheres?

Sim. Para a grande maioria das mulheres, os métodos contraceptivos são considerados uma opção segura. Os benefícios de controle da fertilidade e melhora dos sintomas ginecológicos superam o risco, de pequena magnitude, de desenvolver um câncer de mama. O essencial é avaliar cada caso individualmente.

Arquivo cedido



Palavra de especialista

Prevenção personalizada

O câncer de mama é uma doença multifatorial — ou seja, causada por vários fatores somados, e não somente por um medicamento ou comportamento isolado. Aspectos como obesidade, sedentarismo, consumo de álcool, primeira gestação tardia e histórico familiar influenciam muito mais no desenvolvimento da doença do

que o uso isolado de anticoncepcionais. Por isso, avaliar o contexto individual de cada mulher é essencial. Os anticoncepcionais hormonais continuam sendo uma ferramenta segura e eficaz, com benefícios amplamente comprovados: reduzem gestações indesejadas, previnem outros tipos de câncer e tratam distúrbios hormonais

que afetam a qualidade de vida. A decisão deve sempre ser personalizada e compartilhada entre médica e paciente — com informação, equilíbrio e sem medo.

JÉSSICA WOLFF, ginecologista referência em climatério, reprodução humana e histeroscopia da Maternidade Brasília

Arquivo Pessoal



comumente usados, foram associados a um risco menor de câncer de mama em comparação com o desogestrel. “Nem todos os contraceptivos hormonais têm o mesmo efeito no risco de câncer de mama”, explica Johansson.

De forma geral, o uso de contraceptivos hormonais foi associado a um aumento de 24% no risco de câncer de mama, o que corresponde a aproximadamente 1 caso a mais a cada 7.800 pessoas que utilizam esses produtos, por ano.

Além disso, as chances aumentaram com o tempo.

O uso prolongado, entre 5 e 10 anos, de produtos com desogestrel foi associado a um risco quase 50% maior de câncer de mama, enquanto a utilização correspondente de

produtos com levonorgestrel resultou em um aumento de cerca de 20% nas chances de desenvolver a doença. Pílulas anticoncepcionais contendo drospirenona combinada com estrogênio, também comuns, não foram associadas a uma

elevação no risco. Para os pesquisadores, essa pode ser uma opção mais segura para mulheres com predisposição ao tumor.

Riscos x benefícios

De acordo com Gabrielle Scatolin, oncologista e membro da Sociedade Brasileira de Oncologia Clínica (SBOC), para a maioria das mulheres, os benefícios dos contraceptivos hormonais superam os riscos. “A decisão deve ser individualizada, considerando fatores como histórico familiar de câncer de mama ou mutação no gene BRCA, quando o risco pode ser maior e o aconselhamento deve ser personalizado. Em mulheres sem fatores de risco elevados, o impacto absoluto sobre as chances de câncer de mama é pequeno, enquanto os benefícios são substanciais.”

“Os contraceptivos hormonais são altamente eficazes e proporcionam importantes benefícios para a saúde, e não incentivamos as mulheres a interromperem seu uso”, afirmou Fatemeh Hadizadeh, autora principal do estudo. “Além de proteger contra gravidezes indesejadas, eles reduzem o risco de câncer de ovário e endométrio, aliviam a dor menstrual e o sangramento intenso, ajudam no tratamento da acne e dão às mulheres maior controle sobre sua saúde reprodutiva.”

No entanto, ela reforçou que, ao mesmo tempo, o câncer de mama é o mais comum entre as mulheres e, até que melhores tratamentos preventivos estejam disponíveis, evitar medicamentos que aumentam o risco pode fazer uma grande diferença — especialmente para mulheres que já apresentam predisposição. “Os resultados do nosso estudo fornecem aos médicos e às mulheres informações úteis para a tomada de decisões.”

Natália Polidório, líder nacional de mastologia da Rede Américas, frisou que o risco tende a ser reduzido progressivamente após a suspensão do uso e desaparece em torno de 10 anos depois. “Esse comportamento foi observado também em outro grande estudo publicado no *New England Journal of Medicine* em 2017, que indicou que quanto mais longo o uso, maior o risco — mas que esse risco cai depois que a paciente interrompe a utilização. Na prática, isso significa que não há motivo para alarme, mas sim para equilíbrio na escolha do método, e com acompanhamento adequado.”

PENSAMENTO LÓGICO

Chimpanzés analisam dicas e mudam racionalmente de ideia

Chimpanzés podem ser mais parecidos com os humanos ao pensar do que se imaginava. É o que apresenta um estudo publicado ontem na revista *Science*. O trabalho aponta para evidências de que esses animais podem revisar racionalmente suas crenças quando novas informações são apresentadas.

O estudo foi conduzido por uma grande equipe multicêntrica, incluindo universidades de diversos países. O trabalho revelou que os chimpanzés, assim como os humanos, podem mudar de ideia com base nas evidências disponíveis, uma característica fundamental do pensamento racional.

Trabalhando no Santuário de Chimpanzés da Ilha de Ngamba, em Uganda, os pesquisadores apresentaram aos animais duas caixas, uma delas tinha comida. Inicialmente, os símios receberam

uma pista sugerindo qual embalagem continha a recompensa. Posteriormente, foram indicadas evidências mais fortes apontando para a outra. Os chimpanzés frequentemente mudavam suas escolhas em resposta às novas dicas.

“Os chimpanzés foram capazes de rever suas crenças quando melhores evidências se tornaram disponíveis”, disse Sanford, pesquisador do Laboratório de Orígens Sociais da Universidade da Califórnia, nos Estados Unidos. “Esse tipo de raciocínio flexível é algo que geralmente associamos a crianças de 4 anos. Foi emocionante mostrar que os chimpanzés também conseguem fazer isso.”

Não é instinto

Para garantir que as descobertas refletissem um raciocínio genuíno, e não somente

Liran Samuni, Projeto Tai Chimpanzee



Os animais mostram raciocínio semelhante ao de crianças de 4 anos

instinto, a equipe incorporou experimentos controlados e modelagem computacional. Essas análises descartaram explicações mais simples, como os chimpanzés favorecendo o sinal mais recente ou reagindo à pista mais óbvia. Os modelos confirmaram que a tomada de decisão dos animais estava alinhada com estratégias racionais de revisão de crenças.

“Registramos a primeira escolha deles, depois a segunda, e comparamos se eles revisaram suas crenças”, destacou Sanford. “Também usamos modelos computacionais para testar como suas escolhas se encaixavam em várias estratégias de raciocínio.”

Para os pesquisadores, o estudo desafia a visão tradicional de que a racionalidade — a capacidade de formar e revisar crenças

com base em evidências — é exclusiva dos seres humanos. “Esta pesquisa pode nos ajudar a pensar de forma diferente sobre como abordamos a educação infantil ou como modelamos o raciocínio em sistemas de IA”, afirmou Sanford. “Não devemos presumir que as crianças são tábulas rasas quando entram em uma sala de aula.”

A próxima fase do estudo vai aplicar as mesmas tarefas a crianças. A equipe de Sanford está atualmente coletando dados de voluntários de 2 a 4 anos para comparar como bebês e chimpanzés revisam suas crenças. Eventualmente, a equipe pretende estender o trabalho a outras espécies de primatas, construindo um mapa comparativo das habilidades de raciocínio em diferentes ramos evolutivos.